

VIVÊNCIA ETNOTURÍSTICA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA ALDEIA QUATRO CACHOEIRAS (MT)

Stephany Duarte Portela (1); Eduarda Oliveira Motta Souza (1); Mayra Christiny Candido Nogueira (2); Profa. Dra. Zuleika Alves de Arruda (3)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - Campus Cuiabá "Octayde Jorge da Silva";
zuleika.arruda@cba.ifmt.edu.br.

Introdução:

O presente trabalho faz parte de um projeto transdisciplinar denominado "Olhares e saberes a respeito da técnica e Tecnologia no Território Mato-grossense" realizado pelos alunos do curso de Edificações do IFMT – Campus Cuiabá. Assim, objetiva-se romper com a produção de um saber fragmentado, dissociado da realidade técnico-científico e informacional prevalecente na sociedade contemporânea.

Essa pesquisa teve como objetivo por meio do tema gerador "Técnica e Tecnologia" propiciar aos alunos do curso de Edificações a capacidade para compreender e avaliar a gênese das tecnologias comunicacionais e informacionais na produção do espaço mato-grossense e seus impactos nas comunidades tradicionais (indígenas e quilombolas).

A realização do trabalho pautou-se no entendimento da importância da (re) significação, por parte dos alunos, dos conceitos ensinados, ou seja, que o processo de aprendizagem deve possibilitar que o aluno construa não apenas conceitos e categorias já elaboradas socialmente, mas que (re) signifique tais instrumentais a partir da compreensão do particular, das experiências concretas interligando aos conteúdos estudados.

Seguindo essa perspectiva, a opção metodológica adotada para realização do trabalho foi o estudo do meio, por meio da realização de uma visita técnica nas Aldeias Quatro Cachoeiras e Utariti localizadas no município de Campo Novo do Parecis (MT), revisão bibliográfica e realização de registros fotográficos e midiáticos (vídeos) a respeito da problemática avaliada.

O foco principal de análise, do presente trabalho, foi identificar e analisar a existência ou não de práticas socioculturais e/ou produtivas globalizantes nas comunidades tradicionais. O entendimento está ancorado no pressuposto de que, através da globalização, o processo de construção cultural torna-se cada vez mais amplo, sofrendo influências de todas as partes do mundo, seja através dos meios de comunicação, da interação entre os sujeitos, do turismo, dentre outros (ORTIZ, 2000).

Partimos do entendimento de que devido a dinâmica evolutiva dos povos, as culturas tradicionais não são estáticas ou estanques no tempo e esses povos, assim como toda a sociedade, estão em mudança permanente acompanhando as tendências mundiais de desenvolvimento, sem, no entanto, desmerecer seus valores tradicionais de identidade e alteridade étnica.

Este trabalho possui como objetivo apresentar a experiência pedagógica vivenciada pelos alunos de Edificações na Aldeia de Quatro Cachoeiras, sob a perspectiva do Etnoturismo. Composto o rol das práticas contemporâneas das aldeias indígenas da etnia Haliti-Paresi, o etnoturismo ou turismo indígena, consiste em um tipo de modalidade no qual permite aos visitantes conhecerem de perto a vida, os costumes e a cultura desse povo.

Uma breve apresentação Geo-histórica da área:

O enfoque da pesquisa ocorreu na etnia “Paresí” e, portanto, percebemos que os Paresí constituem um grupo étnico, com uma língua própria (Aruak) e organização própria, cujo território encontra-se localizado na Chapada dos Parecis, porção noroeste do território Mato-grossense. A região denominada de Parecis constitui geograficamente o divisor de águas da Bacia Amazônica e o Paraguai, assim como, possui um valor simbólico para esse grupo étnico, pois tem no seu mito de origem a representação da sua identidade e territorialidade na Chapada dos Parecis. Segundo o mito de origem do povo Paresi esse grupo saiu do interior da terra, brotou pelas fendas, pelos buracos das rochas existentes no rio *Sakuriu winã*, que os *imóti*, os “não índios”, os “civilizados” chamam de Ponte de Pedra ou Sucuruína, um tributário do Arinos. Ao sair das pedras, os halíti descobriram o mundo e todos os seus rios, seus pássaros, as árvores que existiam, mas, ainda não tinham nome. Segundo o mito, Wazáre, o mais velho dos irmãos, orientou a saída dos outros, instalando cada um nos seus próprios territórios, destinando a moradia nas cabeceiras dos rios do imenso chapadão, surgindo vários grupos, dentre eles os haliti, os Waimare, os Kaxiniti e os Kozarini, cada um com seus territórios próprios, governados por suas lideranças locais e organiza através de laços de solidariedade entre irmãos. A partir dessas relações entre os grupos de irmãos e irmãs surgidas de dentro da terra teriam surgido os subgrupos Parecis, bem como configurado as fronteiras territoriais desse grupo, vide representação do mito na figura 1.

A configuração territorial tradicional dos Paresí, até o início do século XX, estendia desde a margem direita do Rio Juruena até quase a margem esquerda do Rio Arinos no nordeste de Mato Grosso. Este território era ainda diferenciado entre os subgrupos: Waimare que ocupavam as áreas mais ao norte, os Kozárini as áreas mais ao sul e os Kaxíniti as áreas mais a leste.

O turismo como alternativa econômica para o povo Paresí

A Aldeia de Quatro Cachoeiras, localizada às margens do Rio Sacre, é representada por um dos caciques mais tradicionais do povo *Paresi-Halíti*, o Cacique Narciso Kazaizase, conforme a figura 2.



Figura 1 – Índio em traje típico às margens do Rio Sacre.

Foto : Zuleika Arruda



Figura 2 – Cacique Narciso às margens do Rio Sacre

Foto : Zuleika Arruda

A aldeia possui aproximadamente 100 habitantes, todos descendentes do Cacique, e é o local onde ocorre anualmente o Festival de Cultura e Jogos Indígenas dos Pareci. Ela possui um pátio limpo e redondo, reproduzindo o padrão de moradia típica do povo Paresí. Para receber o turista foi construída uma casa (Háti) em estilo ovalado, com duas portas bem baixas que serve para recepcionar o turista e como modelo para explicar o significado simbólico da casa e seus aspectos.



Figura 3 – Háti: vista externa;

Foto : Zuleika Arruda



Figura 4 – Háti: visão interna

Foto : Zuleika Arruda

O etnoturismo passa a utilizar a etnicidade, buscando no passado um conjunto de símbolos que são atualizados no presente; suas perspectivas ideológicas atuam dando margem a uma identidade local, como, por exemplo, da Paresí. O turista pode conhecer a cultura desse povo por meio das apresentações de danças, narrativas históricas míticas, realização de pinturas corporais, prática do esporte de arco e flecha, cabeça-bol (futebol de cabeça), confecção da bola (seiva da mangaba) utilizada para os jogos, ensinamento da confecção das moradias tradicionais e venda de artesanato, bem como, realização de trilhas que conduz a mirantes que possibilitam contemplação e

um momento de relaxamento nas quatro cachoeiras que se configuram paralelamente na paisagem, conforme as figuras 5-11.



Figura 5 – Dança tradicional;
Foto : Zuleika Arruda



Figura 6 – Cabeça-bol;
Foto : Zuleika Arruda



Figura 7 – Pinturas Corporais;
Foto : Zuleika Arruda

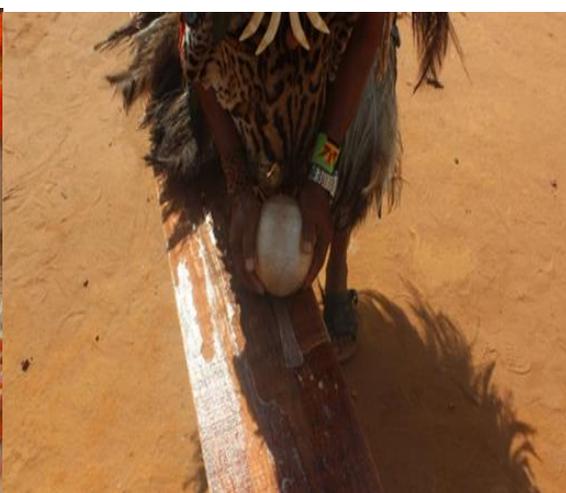


Figura 8 – Confecção da bola para o cabeça-bol;
Foto : Zuleika Arruda



Figura 9 – Bola (seiva de mangaba);
Foto : Zuleika Arruda

Porém, o fato mais interessante vivenciado nesse roteiro é o momento em que as crianças indígenas travestem-se do personagem “índio”, retirando os adornos e as vestimentas que o caracterizam como tal aos olhos dos turistas e assumem a condição humana de ser índio por meio de suas práticas culturais, como é o banho de rio, fato demonstrado nas figuras 10 e 11. Enquanto os visitantes contemplam e tiram fotos, índios adolescentes mergulham do alto das pedras e enfrentam as corredeiras para chegar a um remanso, ressaltando a forte ligação dos Paresí com a água e com a natureza.

Os habitantes da Aldeia Quatro Cachoeiras possuem suas raízes intrinsecamente ligadas às tradições, sendo assim, as crianças aprendem em priori a língua nativa (o *aruák*) e em seguida o Português brasileiro. Entretanto, isso não os impedem de serem calorosos e receptivos com os turistas e buscam sempre agradar e sorrir, mesmo não entendendo o idioma.



Figura 10 – Banho no Rio Sacre – Aldeia Quatro Cachoeiras.
Foto : Zuleika Arruda



Figura 11 – Crianças Paresí: banho no rio. Aldeia Quatro Cachoeiras. Foto: Zuleika Arruda

Além da Aldeia de Quatro Cachoeiras, a outra que compõem o Circuito Turístico de Campo Novo do Parecis que oferece a vivência cultural (etnoturismo) é a aldeia Wazare, criada há seis anos pelo cacique Rony Azoinaice, visando o turismo indígena, para promover a interação entre os índios e os não índios. As demais, como Ponte de Pedra, Salto da Mulher e Salto Utiariti possuem como atrativo principal as paisagens naturais.

Por ser território indígena, a visita só é permitida mediante a autorização da FUNAI e o cumprimento de algumas normas de visitação, como a proibição de remover qualquer material das terras indígenas, fazer ou divulgar imagens sem prévia autorização e divulgar técnicas ou conhecimentos tradicionais indígenas. Também é proibido aos visitantes ingerir bebida alcoólica em terras indígenas, pescar, caçar ou realizar atividades ligadas ao extrativismo. (Instrução Normativa, 2015)

A implantação do turismo na Reserva indígena *Parsí-Halíti* representa, para esse povo, uma “esperança” e alternativa econômica frente aos problemas que enfrenta decorrentes da expansão do capitalismo no campo, sob a versão do agronegócio. Os territórios existenciais de sobrevivência dos Paresí estão sendo engolidos pelo “dragão denominado agronegócio”, onde espécies de plantas e animais estão desaparecendo e rios são poluídos pelos agrotóxicos. Junto com esses recursos naturais esgota-se a base de subsistência desses povos. (ARRUDA et all, 2017)

Considerações Parciais:

O estudo do meio, por meio da realização da visita técnica às aldeias Quatro Cachoeira foi uma atividade enriquecedora de aprendizado, sobretudo, pela experiência de vivenciar a cultura desse povo por meio das narrativas contada pelo Cacique Narciso, bem como, os constantes alertas realizados a respeito da destruição da natureza por meio da contaminação dos rios e desmatamento.

Nesse sentido, a atividade pedagógica possibilitou um contato maior com a cultura do povo Paresí e o aprendizado de sua história, das tradições, dos jogos e conquistas. A experiência nos

ajudou entender a dinâmica de um povo e a relação com a natureza, a partir da visão indígena, ou seja, em como eles se relacionam com a natureza e enxergam o mundo hoje, além de procurarmos verificar como, eles estão inseridos no mundo globalizado, quer seja por meio do uso das novas tecnologias informacionais, quer seja por meio da prática do turismo em seu território.

Essa atividade foi importante, por possibilitar um novo olhar a respeito desse povo possibilitando romper com o estereótipo criado pela sociedade “branca” do índio como um ser “preguiçoso” e “atrasado” e/ou uma imagem construída com um ser exótico cujo significado está ancorado somente nas roupas e nas pinturas.

Houve contribuições, também, para entender o significado de suas práticas culturais e *modus vivendis* desse povo, permeado de significados simbólicos relacionados com a natureza, assim como, as transformações que passam a ocorrer nas formas de viver em consequência da inserção desse povo ao mundo globalizado. Tal inserção, possibilitou que suas práticas culturais fossem revisitadas e adequadas à visitação turística. Ou seja, as danças e trajes (re)significados, a busca pela valorização da etnicidade e história dos Paresí, bem como, a construção da imagem de que fazem parte do mundo “civilizado e moderno” e estão abertos a mudanças. Vale registrar nessa experiência a inversão dos papéis do contato do “homem branco” com os índios contemporâneos, em que os mesmos buscam registrar nos aparelhos celulares o contato com os turistas (visitantes) por meio da produção de vídeos e ou a inserção automática no grupo do Facebook.

A atividade pedagógica possibilitou-nos inferir que a abertura das aldeias para o turismo, em parceria com o município de Campo Novo dos Parecis, é uma iniciativa eficaz para a minimização da relação de preconceitos e violência entre o índio e o “não índio”, à medida que o conhecimento compartilhado é vantajoso para ambos, sem infringir cultura, assim como, pode constituir uma alternativa econômica para esses povos.

Referências Bibliográficas

ARRUDA, Z. A.; MOTTA, M. M.; GUSMÃO, R. **Ethnotourism: (Re) invention of the culture or appreciation of the indigenous culture? An analysis of the tourist route of the native brazilians from the paresi tribe (MT) – Brazil**, UNESCO, 2017.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.